

A INFLUÊNCIA DAS PERSONAGENS FEMININAS NA JORNADA DE *JANE EYRE*: FEMINISMO PARA QUEM?

Natacha Iria Pereira Lopes ¹
Marly Catarina Soares ²

RESUMO

O romance *Jane Eyre*, de Chalote Brontë, tem sido recebido pelo leitor contemporâneo como uma das obras precursoras do pensamento feminista, exaltando o papel da mulher enquanto construtora de sua própria jornada, conforme demonstra a busca da protagonista por igualdade e pelo direito de moldar o próprio destino. O presente trabalho tem a intenção de questionar o suposto caráter “feminista” da obra de Brontë, levando em conta as ações e vivências de outras figuras femininas presentes na obra, como a professora Miss Temple; a amiga de Jane, Hellen Burns e, em especial, a personagem Bertha Mason, a “louca do sótão”. Com intenção de dar um enfoque pós-colonialista à análise da obra, nos embasaremos em pressupostos teóricos desenvolvidos por autores como Bonicci (2012), Gilbert e Gubar (2000), Mardorossian (2006), Said (1990) e Sharpe (2006), além de propor intertextualidades com a obra *Vasto Mar de Sargaços*, de Jean Rhys. A pesquisa desenvolvida é de cunho bibliográfico e, ao focar visões teóricas opostas a respeito da presença do feminismo na obra, argumenta que as demais personagens femininas, à exceção da protagonista, não são contempladas pelos mesmos ideais de liberdade e igualdade que regem a ação de Jane – especialmente por tratarem-se de figuras subalternas, órfãs, da classe trabalhadora e, no caso de Bertha Mason, estrangeira, caribenha e, possivelmente, negra. Além disso, ao observar as características orientalistas do romance, percebemos que a mulher branca aparece na função de salvadora das mulheres orientais, retirando dessas últimas a possibilidade de agência dentro no romance.

Palavras-chave: Literatura, Pós-colonialismo, *Jane Eyre*, Feminismo.

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Tendo em vista a importância da obra *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, para a literatura ocidental, bem como a representatividade e destaque de sua protagonista, diversas teorias e críticas foram desenvolvidas acerca da obra ao longo dos anos – muitas das quais pertencentes à esfera pós-colonialista.

Para Gilbert e Gubar (2000), por exemplo, um dos aspectos que trazem destaque à obra de Brontë é seu caráter vanguardista, sendo considerada pelas autoras como uma das principais obras a abordar assuntos relacionados ao feminismo, além de tecer extensas e contundentes críticas acerca dos costumes e valores da sociedade da época. Da mesma forma,

¹ Mestranda do Curso de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, natacha.manson@gmail.com

² Professor orientador: Doutora, Universidade Estadual de Ponta Grossa, marlyos@yahoo.com.br

Mardorossian (2006) tem uma leitura psicológica e feminista de *Jane Eyre*, analisando a relação entre a protagonista e a personagem Bertha Mason, a “louca do sótão”.

Por outro lado, como apontam autores como Bonicci (2012) e Said (1990), é relevante que, por tratar-se de uma obra de origem europeia, datada do período Vitoriano, estejamos atentos ao uso do termo “feminismo” quando aplicado a *Jane Eyre*, uma vez que o conceito em si ainda não havia se desenvolvido à época.

Além disso, a questão da enunciação também é de extrema importância para o contexto da obra. Uma vez que a narradora a quem é concedido o poder de fala trata-se de uma mulher branca e europeia, podemos nos questionar, conforme demonstra Sharpe (2006) a quem este suposto feminismo de fato se aplicaria, e quais mulheres seriam contempladas por este discurso.

Levando em conta os questionamentos fomentados acima, bem como as teorias levantadas por autores como Gilber e Gubar (2000), Mardorossian (2006), Said (1990), Sharpe (2006), hooks (2019) e Armstrong (2009), este trabalho pretende tecer algumas considerações a respeito da representatividade e da relação entre algumas das personagens femininas centrais de *Jane Eyre*, bem como construir um diálogo entre visões conflitantes a respeito do caráter feminista ou não da obra em questão.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa empreendida neste trabalho é de cunho bibliográfico e interpretativo. A análise da obra *Jane Eyre*, em pauta no artigo, foi realizada através da seleção de trechos pertinentes aos eixos temáticos do romance, como a recepção da sociedade burguesa vitoriana à obra de Brontë, os prenúncios do feminismo e o Orientalismo. Após a devida seleção, os excertos escolhidos foram problematizados sob o enfoque de diferentes teorias coerentes com o objetivo central de problematizar as supostas expressões feministas da obra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A MORAL BURGUESA E A INFLUÊNCIA DAS FIGURAS FEMININAS NA TRAJETÓRIA DE JANE EYRE

De acordo com Gilber e Gubar (2000), um dos aspectos que chocaram a sociedade Vitoriana com relação à obra *Jane Eyre* é a raiva expressa pela protagonista, bem como a sua

suposta ingratidão com relação a seus benfeitores, como a Sr.^a Reed, em cuja residência Jane é exposta a constantes humilhações e opressões.

Além disso, para as autoras, a obra causou desconforto à época de seu lançamento por desafiar costumes e convenções sociais vigentes, negando até mesmo, em diversos momentos, a autoridade patriarcal, representada por personagens como o Sr. Brocklehurst, Edward Rochester e St. John Rivers, no que Gilbert e Gubar (2000) definem como um ato de “rebellious feminism” (p. 338), denotando a leitura feminista que conduzem acerca da obra de Brontë.

As autoras definem o romance como

(...) a story of enclosure and escape, a distinctively female Bildungsroman in which the problems encountered by the protagonist as she struggles from the imprisonment of her childhood toward an almost unthinkable goal of mature freedom are symptomatic of difficulties Everywoman in a patriarchal society must meet and overcome: oppression (at Gateshead), starvation (at Lowood), madness (at Thornfield), and coldness (at Marsh End). (GILBERT e GUBAR, 2000, p. 339)³

De acordo com Armstrong (2009), um dos temas centrais da obra é a maneira como a protagonista, considerada uma “desajustada”, busca seu lugar no mundo e reivindica o poder de escrever e narrar sua própria história. A autora demonstra que, para Jane, assim como para outros personagens icônicos da literatura inglesa, como Elizabeth Bennet e o próprio Robinson Crusóe, esta busca não depende de “determinações de berço e casta” (p. 338), e sim de seu esforço pessoal: eles não são herdeiros de suas posições sociais, e depende apenas deles buscar sua respeitabilidade e lutar pela igualdade que almejam.

Assim, em contraste com o que afirmam Gilbert e Gubar (2000) a respeito do choque com que a sociedade Vitoriana recebe o romance de Brontë, Armstrong (2009) aponta que a ira de Jane com relação às injustiças cometidas contra ela é sancionada por uma parcela dos leitores por conta de uma identificação mútua, uma vez que tais leitores encontram-se em uma posição subalterna semelhante, e permitem, desta forma, que Jane assuma essa autoridade discursiva. Segundo Armstrong (2009), “temos que supor que um personagem capaz de ser porta-voz de todos os que são oprimidos, de alguma maneira, por uma ordem social injusta,

³ uma história de fechamento e fuga, um romance de formação distintamente feminino, no qual os problemas encontrados pela protagonista, enquanto ela luta desde a prisão de sua infância em direção a uma meta quase impensável de liberdade madura, são sintomas das dificuldades que todas as mulheres em uma sociedade patriarcal devem enfrentar e superar: opressão (em Gateshead), fome (em Lowood), loucura (em Thornfield) e frieza (em Marsh End). – Tradução do nossa.

pode encarnar uma forma absolutamente moderna de autoridade.” (ARMSTRONG, 2009, p. 339)

Desta maneira, ainda segundo a autora, a possibilidade de desejar e alcançar a ascensão social é admitida pela moral burguesa, que “legitima como bons e humanos os sistemas sociais que garantem os lugares justos aos indivíduos.” (ARMSTRONG, 2009, p. 336)

Além disso, Armstrong (2009) afirma também que a busca pelo autocontrole e pela maturidade auxiliam para que Jane Eyre seja uma personagem aceita (ou tolerada) por parte dos leitores de sua época. A autora aponta que uma forma de apaziguar a relação entre a sociedade e a protagonista do romance é que, no caso de Jane, “o protagonista se adapta às normas culturais sufocando seus impulsos antissociais, e se torna ao mesmo tempo mais profundo e complexo, cada vez mais atormentado por conflitos internos.” (ARMSTRONG, 2009, p. 337)

Com relação a este esforço por domar seus instintos e controlar sua raiva, devemos destacar, na trajetória de Jane Eyre, o encontro com a Srt^a Temple – superintendente de Lowood e um dos principais pilares que auxiliam na mudança de comportamento de Jane e na busca pelo controle de suas emoções. Além de ser uma das personagens femininas marcantes para a caminhada de Jane, a Srt^a Temple representa também uma espécie de resistência ao domínio patriarcal ao desafiar – ainda que de maneira branda - as ordens do diretor da escola, Sr. Brocklehurst, e procurar aliviar a fome a que as alunas eram submetidas (etapa esta que, segundo Gilbert e Gubar (2000) é um dos obstáculos que Jane deve superar em sua peregrinação).

Ao longo dos oito anos passados por Jane em Lowood, a influência da Srt^a Temple surte um efeito positivo sobre a protagonista, e sua presença passa a ser indispensável para a jovem, que afirma que “... era a ela que eu devia a maior parte de minha aprendizagem. Sua amizade e companhia eram um permanente conforto. Ela teve para mim o papel de mãe, professora e, depois de um tempo, de amiga.” (BRONTË, 2014, p. 104) A protagonista afirma a respeito da Srt^a Temple:

A Srta. Temple tinha sempre um traço de serenidade no aspecto, de classe no semblante, de propriedade refinada na linguagem, de forma que não descaía jamais para a excitação, a ansiedade, o arrebatamento. Isso transformava em reverência o prazer de quem olhava para ela, de quem a ouvia. (BRONTË, 2014, p. 91)

De acordo com Gilbert e Gubar (2000), a Srt^a Temple – bem como seu significativo nome e sua palidez marmórea – representam as virtudes a que Jane (e as mulheres vitorianas como um todo) deveriam aspirar:

Angelic Miss Temple, for instance, with her marble pallor, is a shrine of ladylike virtues: magnanimity, cultivation, courtesy – and repression. As if invented by Coventry Patmore or by Mrs. Sarah Ellis, that indefatigable writer of conduct books for Victorian girls, she dispenses food for the hungry, visits the sick, encourages the worthy, and adverts her glance from the unworthy. (GILBERT e GUBAR, 2000, p. 344)⁴

Outra figura feminina importante para a trajetória de Jane Eyre e para seu intento em controlar suas emoções e sufocar a raiva que a consome é a colega de Lowood, Helen Burns, cuja personalidade estoica deslumbra Jane e lhe causa grande admiração. De acordo com Gilbert e Gubar (2000), Helen representa para Jane o ideal de renúncia e espiritualidade, uma vez que a jovem é guiada por profundos preceitos cristãos e pela consequente aceitação de sua morte iminente, devido ao tifo.

Não deixo que nenhum sentimento ruim fique marcado em mim com tamanha força. Você não seria mais feliz se tentasse esquecer a severidade dela, assim como as conseqüentes emoções provocadas em você? Acho que a vida é curta demais para ser gasta com animosidades, só pensando nos acontecimentos ruins. (...) Com esse credo, posso distinguir com clareza o criminoso do seu crime, e perdoar com toda a sinceridade o primeiro ao mesmo tempo em que abomino o segundo. Com esse credo, a vingança jamais clama em meu coração, a degradação não chega a me desgostar profundamente, a injustiça nunca me esmaga. Vivo com serenidade, à espera do fim. (BRONTË, 2014, p. 74-75)

A respeito da relação de Jane com a Srt^a Temple e Helen Burns, Gilbert e Gubar (2000) afirmam que “Both are in some sense mothers for Jane, as Adrienne Rich has pointed out, comforting her, counseling her, feeding her, embracing her.” (GILBERT e GUBAR, 2000, p. 346) Através desta afirmação e dos trechos da obra anteriormente citados, podemos afirmar que a influência dessas mulheres sobre Jane é essencial para o seu crescimento e uma etapa marcante de sua peregrinação em direção à tão sonhada igualdade e liberdade.

⁴ Angelic Miss Temple, por exemplo, com sua palidez de mármore, é um santuário de virtudes femininas: magnanimidade, cultivo, cortesia - e repressão. Como se fosse inventada por Coventry Patmore ou pela sra. Sarah Ellis, escritora incansável de livros de conduta para meninas vitorianas, ela distribui comida para os famintos, visita os doentes, incentiva os dignos e desvia o olhar dos indignos. Tradução nossa

Embora possam tratar-se de figuras controversas por conta de sua passividade e resignação, percebemos que a presença dessas personagens femininas é crucial para a caminhada da protagonista, além de aparecerem como elementos apaziguadores da relação do público com a obra e com Jane, conforme demonstra Armstrong (2009) ao discutir a respeito da moral burguesa da sociedade Vitoriana. Podemos levantar a possibilidade de que esses comportamentos fossem aspectos essenciais para que a obra pudesse disseminar-se e atingir uma parcela maior do público em sua época de lançamento, ainda que os leitores atuais talvez não os vejam como ideias a serem seguidos.

“LOUCA DO SOTÃO”: DUAS VISÕES DE *JANE EYRE*

Após deixar Lowood por conta da partida da Srt^a Temple – mais uma vez comprovando a importância da personagem para a trajetória de Jane – a protagonista muda-se para Thornfield, onde é contratada como preceptora de Adèle Varens, filha ilegítima do Sr. Rochester. Em Thornfield, tem lugar o encontro de Jane com uma das personagens femininas mais relevantes e simbólicas da obra: Bertha Mason, a “louca do sótão”. Silenciada, representada pela loucura e descrita como um animal, Bertha em nenhum momento recebe o direito de contar sua própria história, tendo sua narrativa exposta apenas através da voz parcial de Rochester, que justifica seu encarceramento através da descoberta da loucura de sua família e descreve-a como sendo uma pessoa irracional e tempestuosa, enquanto representa a si mesmo como um homem enganado, sofredor e estoico frente às provações que a esposa supostamente o fazia passar:

Uma natureza inteiramente avessa à minha, gostos detestáveis para mim e uma mente estreita, simplória e singularmente incapaz de se interessar por assuntos mais elevados, de se expandir um pouco. Depois que descobri isso, não pude mais passar nem um momento de relaxamento a seu lado. Era impossível sustentar uma conversa agradável, porque, a cada vez que eu iniciava um assunto, ela rebatia com comentários grosseiros, perversos ou imbecis. Mesmo quando percebi que não poderia ter sossego em casa, porque nem os empregados conseguiam tolerar as explosões dela, ou o constrangimento provocado por suas ordens absurdas e contraditórias, mesmo assim, tentei me controlar. Evitava censurá-la, reprimia as admoestações. Procurava remoer meu arrependimento e minha infelicidade em segredo. Tentava conter a extrema antipatia que crescia em mim. (BRONTË, 2014, p. 356-357)

A figura de Bertha Mason fomenta diversas leituras conflitantes, especialmente no tocante ao caráter feminista ou não da obra de Brontë. Gilbert e Gubar (2000), assim como Mardorossian (2006), por exemplo, ao abordar as imagens da escravidão contidas em *Jane Eyre*, conduzem uma leitura feminista do romance, sugerindo que Bertha Mason seria um duplo (“foil”) de Jane, representando os anseios e desejos que a protagonista não tem coragem de cumprir. Além disso, para a autora, ambas as personagens seriam representações da escravidão da mulher em uma sociedade patriarcal – metáfora esta evocada por Jane em diversos momentos da obra, como quando ainda vive com a tia, a Sra. Reed, e cogita recusar-se a comer para que a morte a liberte de sua “escravidão”. Assim, conforme demonstra Mardorossian (2006):

Like Jane, Bertha is made to represent the threat of irrational colonial rebellion and is consequently locked away. She also eventually materializes the child’s evocation of the phenomenon of slave suicide: “... instigated some strange expedient to achieve escape from insupportable oppression—as running away, or, if that could not be affected, never eating or drinking more, and letting myself die”. That Bertha’s jailer Grace Pool should bother making “sago”, a West Indian bread or cereal made with starch extracted from palm tree trunks, suggests that her prisoner refuses to eat any other food. And in the light of the homicidal and unbroken rampage that Bertha undertakes against her husband and brother “now in fire and now in blood, at the deadest hours of night”, her suicide actually takes on the character of yet another act of resistance rather than, as Spivak argues, of a ritual self-sacrifice. (MARDOROSSIAN, 2006, p. 05)⁵

Desta forma, na leitura da autora, o suposto suicídio de Bertha Mason no incêndio que acomete Thornfield seria um ato simbólico de libertação de seu cárcere e de sua escravidão – um ato de resistência contra o sistema patriarcal que a oprime. Da mesma forma, Jane lutaria também contra a opressão do patriarcado, mas por meios menos radicais e mais socialmente aceitos, como em seus constantes questionamentos com relação a Rochester e sua posterior recusa à proposta de casamento de St. John Rivers, por exemplo.

⁵ Como Jane, Bertha é feita para representar a ameaça da rebelião colonial irracional e, conseqüentemente, é trancada. Ela também materializou a evocação infantil do fenômeno do suicídio de escravos: “... instigou algum estranhamento para escapar da opressão insuportável - como fugir ou, se isso não puder ser realizado, nunca mais comer ou beber e deixar-se morrer”. O fato de a carcereira de Bertha, Grace Pool, se incomodar em fazer “sagu”, um pão ou cereal das Índias Ocidentais feito com amido extraído de troncos de palmeira, sugere que o prisioneiro se recusa a comer qualquer outro alimento. E à luz do tumulto homicida e ininterrupto que Bertha empreende contra o marido e o irmão “agora em fogo e agora em sangue, nas horas mais mortíferas da noite”, seu suicídio realmente assume o caráter de mais um ato de resistência, em vez de, como Spivak argumenta, de um ritual de auto-sacrifício. – Tradução nossa

Além das metáforas da escravidão, alguns atos de Bertha Mason também indicariam, de acordo com Gilbert e Gubar (2000) e Mardorossian (2006), uma conexão entre ela e a protagonista. Uma passagem da obra que justificaria esta interpretação seria a cena em que Bertha rasga o véu de noiva de Jane (véu este que havia desagradado a protagonista e que fora preparado para um casamento sobre o qual Jane não estava perfeitamente segura, mas não tinha a coragem de cancelar). Em outras palavras, Bertha representaria toda a raiva e os impulsos mais crus que Jane aprendera a controlar com o passar do tempo e com seu amadurecimento.

Sharpe (2006) também aborda em seu texto as imagens da escravidão contidas na obra de Brontë, porém direciona sua leitura para o Orientalismo, conforme conceito desenvolvido por Said (1990), presente no romance, chamando atenção, por exemplo, para o fato de que o ataque de Bertha Mason a seu irmão, com uma faca, pode ser lido como uma metáfora para a visão dos não-europeus como pessoas animais, irracionais e violentas. Além disso, para a autora, assim como para Spivak (2010), é sintomático o fato de a história de Bertha não ser contada por ela mesma, e sim pelo ponto de vista de Rochester, o que configuraria uma forma de violência epistêmica, segundo Spivak (2010).

Além disso, Sharpe chama atenção para o fato de que as imagens relacionadas à escravidão evocadas por Jane, embora sejam aceitáveis e oportunas até certo ponto, retiram o caráter racial da condição de escravidão, algo marcante no contexto imperialista, concretizando-se como mais um ato imperialista do romance de Brontë.

If the analogy between race relations in the West Indies and class and gender relations in England did anything, it was to empty slavery of its racial signification. In this regard, the slave metaphor that Brontë deploys does not break with the discourse of her times. There is no character of a West Indian slave to be found in Jane Eyre, she remains inaccessible except through Jane's own acts of rebellion. Yet, the figure slavery, coupled with the shadowy existence of Rochester's West Indian wife, points to the presence of a racial memory. A faint imprint of the "black slave" can be discerned in the narrative demand on Jane to disassociate herself from the anger that is so crucial in establishing her childhood resistance. In the last instance, the agency of the female as individualist cannot be enacted through the figure of a rebellious slave because slaves were not considered part of the civilized society. (SHARPE, 2006, p. 81)⁶

⁶ Se a analogia entre as relações raciais nas Índias Ocidentais e as relações de classe e gênero na Inglaterra fez alguma coisa, foi para esvaziar a escravidão de seu significado racial. Nesse sentido, a metáfora da escravidão que Brontë emprega não rompe com o discurso de seu tempo. Não há caráter de escrava das Índias Ocidentais em Jane Eyre, ela permanece inacessível, exceto pelos atos de rebelião de Jane. No entanto, a figura escravidão, juntamente com a existência sombria da esposa das Índias Ocidentais de Rochester, aponta para a presença de

Além disso, o desejo de Jane de tornar-se uma missionária para salvar as integrantes não ocidentais do suposto harém de Rochester denuncia a visão da obra de que as mulheres brancas ocidentais não seriam iguais, mas sim superiores às mulheres do oriente. A personagem declara que: “ - Estaria me preparando para me tornar uma missionária e pregar a liberdade para essas pobres moças que são escravas, incluindo as do seu harém. Se conseguir ser admitida lá, vou provocar um motim.” (BRONTË, 2014, p. 314)

Por fim, Sharpe (2006) também discorda de Mardorossian (2006) no tocante à simbologia que cerca a morte de Bertha Mason. Para a autora, o suicídio da personagem não representaria ideais de resistência e libertação, e sim uma metáfora orientalista para a prática do sati – tradição indiana, descrita também por Spivak (2010) em que as viúvas imolam-se na pira funerária do marido para evitar a miséria e o ostracismo social, uma vez que são impedidas de herdar posses.

As a proper name for a woman’s submissiveness, meekness, and devotion to her husband, sati locates female passivity in Hindu women. The Eastern analogy of gender hierarchies exposes the barbarism of English marriage laws, but only inasmuch as Oriental despotism is a paradigm for such barbarism. In this regard, the metaphors of harem women and sati in *Jane Eyre* belong to a civilizing discourse that produces its own object of negation. (SHARPE, 2006, p. 92)⁷

Em uma possível leitura orientalista da obra, é sintomático, inclusive, que a morte de Bertha Mason, a mulher não-ocidental, venha de certa forma a culminar na felicidade matrimonial de Jane, a mulher branca e europeia – como se a figura de Bertha, menos do que um ser humano, se tratasse apenas de um obstáculo para o “final feliz” da protagonista.

uma memória racial. Uma leve impressão do “escravo negro” pode ser discernida na exigência narrativa de Jane de se desassociar da raiva que é tão crucial no estabelecimento de sua resistência na infância. Em última instância, a atuação da mulher como individualista não pode ser representada através da figura de um escravo rebelde porque os escravos não eram considerados parte da sociedade civilizada. – Tradução nossa

⁷ Como um nome adequado para a submissão, mansidão e devoção de uma mulher ao marido, Sati localiza a passividade feminina nas mulheres hindus. A analogia oriental das hierarquias de gênero expõe a barbárie das leis de casamento inglesas, mas apenas na medida em que o despotismo oriental é um paradigma para essa barbárie. Nesse sentido, as metáforas do harém de mulheres e sati em *Jane Eyre* pertencem a um discurso civilizador que produz seu próprio objeto de negação. – Tradução nossa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pudemos perceber ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, a obra *Jane Eyre* abre uma grande gama de interpretações e leituras possíveis no tocante à representação da mulher e do feminismo (ou pré-feminismo) em seu enredo. O que parece ser inegável, no entanto, conforme demonstraram Gilbert e Gubar (2000) e como procuramos demonstrar através de trechos do romance, é que as relações entre mulheres e suas influências são indispensáveis para o crescimento e desenvolvimento emocional de Jane. Sem elas, sua jornada em direção à igualdade e à liberdade não teria sido viável.

Com relação às manifestações do feminismo na obra, vale ressaltar que, conforme afirma Bonnici (2012), “O valor estético do texto, juntamente com a teoria e a crítica literárias, foram construídos histórica e culturalmente sob a égide do patriarcalismo. Conseqüentemente, o feminismo tende a subverter tais conceitos outrora considerados indiscutíveis e os reduz a fenômenos não-axiomáticos.” (BONNICI, 2012, p. 154)

Logo, o texto literário reflete o contexto político, histórico, econômico e sociocultural de sua época de produção. Desta maneira, devemos ser cuidadosos ao buscar e ao imputar determinadas características e buscar determinadas desconstruções na obra de Brontë, surgida no auge da cultura imperialista e, em maior ou menor escala, um produto da sociedade rígida e patriarcal de sua época. Devemos estar atentos para o fato de que o feminismo e os demais discursos ligados ao pós-colonialismo estão em desenvolvimento e ascensão ainda nos dias de hoje, e eram ainda projetos nascentes à época da publicação de *Jane Eyre*.

É a partir disso, conforme afirma Bonnici (2012), que surgem as reescritas e as respostas pós-coloniais a textos canônicos, como é o caso de *Vasto Mar de Sargaços*, de Jean Rhys (2012), que confere voz à personagem de Bertha Mason (ou Antoinette Cosway), dando-lhe autoridade discursiva e subvertendo os conceitos colonialistas impregnados na obra de Brontë.

Por fim, vale trazer as palavras de bell hooks (2019), que traça uma reflexão a respeito do feminismo e de sua relação com o Orientalismo:

Mesmo quando um grande número de ativistas feministas adotaram uma perspectiva que incluía raça, gênero, classe e nacionalidade, as “feministas do poder” brancas continuaram a projetar uma imagem de feminismo que ligava e liga a igualdade das mulheres com o imperialismo. Questões femininas globais, como circuncisão feminina forçada, clubes de sexo na Tailândia, véus na África, Índia, Oriente Médio e Europa, assassinato de meninas na China, ainda são

preocupações importantes. No entanto, as feministas no ocidente ainda estão batalhando para descolonizar o pensamento e a prática feministas, de maneira que essas questões possam ser abordadas sem resgatar o imperialismo ocidental. Pense em como várias mulheres ocidentais, brancas e negras, têm confrontado a questão da circuncisão feminina na África e no Oriente Médio. Em geral, esses países são descritos como “bárbaros e não civilizados”, e o sexismo lá, como sendo mais brutal e mais perigoso para mulheres do que o sexismo nos Estados Unidos. (HOOKS, 2019, p. 78)

Concluimos, através das reflexões fomentadas por hooks (2019) que a jornada em busca da desconstrução do imperialismo e do orientalismo ocidentais ainda não é finda, e que, enquanto estudiosos do feminismo, a descolonização de nossas práticas deve ser um esforço diário. Para a autora, o feminismo não pode conviver em harmonia enquanto não deslocarmos as esferas de poder, atualmente ainda pertencentes majoritariamente às feministas brancas e ocidentais que, como Jane Eyre, seguem agindo como “salvadoras” das mulheres não ocidentais, tomando seus locais de fala e minimizando, por vezes, suas culturas.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, N. **A moral burguesa e o paradoxo do individualismo**. In: MORETTI, F. (org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 335-374.

BONNICI, T. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: EdUEM, 2012.

BRONTE, C. **Jane Eyre**. Tr. Heloisa Seixas. Rio de Janeiro: BestBolso, 3ª ed., 2014

GILBERT, S.; GUBAR, S. **A dialogue of self and soul: Plain Jane's Progress**. In: _____. **The Madwoman in the Attic: The woman writer and the 19th century imagination**. New Haven: Yale University Press, 2000. p. 336-371.

HOOKS, b. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 6ª ed., 2019.

MARDOROSSIAN, C. **Unsuspecting Storyteller and Suspect Listener: A Postcolonial Reading of Charlotte Bronte's Jane Eyre**. ARIEL. v. 37. n. 2-3. April-July 2006.

RHYS, J. **Vasto mar de sargaço**. Tr. Léia Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

SAID, E. W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tr. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed., 1990.

SHARPE, J. **Excerpts from Allegories of Empire**. In: MICHIE, E. (ed.). **Charlotte Brontë's Jane Eyre: A Casebook**. Oxford: OUP, 2006.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

